

# **“Yo he venido a este país por mi hijo”: os impactos da deficiência e do cuidado no exercício da maternidade e das relações familiares em um contexto migratório<sup>1</sup>**

Barbara Marciano Marques

Tuila Botega

(CSEM Brasília)

**Resumo:** Este artigo buscou refletir sobre como a migração e a deficiência são fatores que podem reestruturar relações familiares e de cuidado. A partir da análise de uma família hondurenha, com base na narrativa da mãe-cuidadora, demonstramos como a “ruptura na trajetória” de mobilidade e de vida, a partir de um “acidente” que desencadeia uma deficiência, pode ter interrompido o “sonho americano” para o seu filho, mas como o projeto migratório da família continuou, se modificou e reestruturou as relações familiares e de cuidado e o próprio exercício da maternidade.

**Palavras-chave:** migração centroamericana; maternidade; deficiência

## **1. Introdução**

O artigo reflete sobre o impacto da migração sobre o exercício da maternidade e do cuidado, no âmbito das relações familiares, a partir da narrativa de uma mãe hondurenha que cuida do filho que adquiriu uma deficiência grave durante a experiência de migração nos Estados Unidos. Essa entrevista se inscreve no âmbito mais amplo da pesquisa “Salud mental y mujeres migrantes retornadas con discapacidad y mujeres cuidadoras de migrantes retornados con discapacidad” conduzida pelo CSEM, com o apoio da Pastoral de Movilidad Humana de Honduras (PMH), que tem como objetivo compreender como essas mulheres lidam com as rupturas em suas trajetórias de vida - marcadas pela não realização do projeto migratório e os acidentes na rota ou no local de destino - e reconstruem sua subjetividade quando do retorno e reintegração no país de origem.

Esse processo de reconstrução da subjetividade perpassa por aspectos relacionados à saúde física - considerando a pessoa que adquire a deficiência e os cuidados com o corpo que se fazem necessários - e à saúde mental, tendo em vista o processo de elaboração dos eventos violentos e traumáticos vivenciados e o processo de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

aceitação desse “novo” corpo. É importante ressaltar que os efeitos desses eventos recaem também sobre os outros familiares e pessoas cuidadoras, como veremos ao longo do texto. Destacam-se também como elementos importantes na reconstrução da subjetividade os impactos nas relações familiares e na reintegração da pessoa retornada com deficiência em diferentes âmbitos (laboral, social, etc) e os modos como cada pessoa desenvolve o “seguir adelante” com a própria vida após ter passado por todas essas questões - acidente, deficiência adquirida, deportação e retorno ao local de origem em condições não previstas ou desejadas em seus projetos migratórios.

Nos interessa evidenciar o protagonismo e a capacidade de agência dessa mãe-cuidadora no processo de luta pelo reconhecimento dos direitos do filho e no exercício do cuidado e da maternidade em um contexto que denominamos transnacional (Pedone, 2017). Essa reflexão está ancorada no Núcleo Duro de Pesquisas do CSEM, que enfoca o protagonismo das pessoas migrantes e refugiadas e ressalta sua capacidade de agência (Bakewell, 2010) e de reconstrução da vida (CSEM, 2018).

A história de María e Miguel é complexa e intersecciona várias camadas do fenômeno migratório. Se insere em um cenário cada vez mais restritivo à mobilidade face às políticas migratórias marcadamente securitárias e criminalizantes. Dessa maneira, se faz importante e necessário compreender como se dá a construção social dos riscos associados à migração (Tobar Estrada, 2013) e as formas que a vulnerabilidade se apresenta, tanto do país de origem quanto no país de destino (Skornia, Illanes, 2016) para aqueles que imigram de forma indocumentada e têm uma inclusão subordinada no país de destino justamente por serem essa força de trabalho pobres, indocumentada e invisível.

A abordagem adotada para a análise não desconsidera esses vários elementos que compõem a vulnerabilidade das pessoas envolvidas na pesquisa, mas, assumindo sua complexidade, busca também observar seu protagonismo e resiliência para refazer a própria vida diante de tantos constrangimentos estruturais, como são as políticas migratórias restritivas, a criminalização das migrações, e os marcadores da desigualdade de gênero e classe, entre outros.

O artigo está dividido em seis partes: esta introdução onde apresentamos nossos objetivos e o contexto de produção do manuscrito; uma seção de metodologia onde delimitamos a forma de coleta e análise dos dados; uma seção onde apresentamos a

história de María e Miguel<sup>2</sup>, o contexto migratório e os eventos que levaram ao “acidente”; uma seção em que contamos sobre a busca de María pelo filho, sua viagem aos Estados Unidos e as dificuldades enfrentadas; uma seção em que traçamos algumas reflexões sobre o exercício do cuidado e da maternidade neste contexto migratório; e por fim, alguns parágrafos de considerações finais.

## **2. Metodologia**

A pesquisa contou com a análise dos dados de atendimento da PMH e uma fase de aprofundamento com a realização de 10 entrevistas com mulheres que empreenderam a rota migratória e retornaram a Honduras com deficiência devido a acidentes sofridos no trajeto e com mulheres que cuidam de um familiar que passou por essa situação. Além disso, foi realizada observação participante nos Grupos de Apoio a Mulheres (GAM)<sup>3</sup> conduzidos pela PMH. O processo de coleta de dados foi realizado de forma virtual por pesquisadoras no Brasil e em Honduras, no período de dezembro de 2021 e abril de 2022<sup>4</sup>, marcado pela pandemia de COVID-19, com exceção de uma entrevista, que foi realizada presencialmente.

Na análise utilizamos a técnica de análise de conteúdo para delimitação de núcleos de sentido (Bardin, 1977). Para esta reflexão, trabalharemos aspectos relativos ao que é específico da vivência das mulheres nesse contexto migratório específico, que diz respeito ao retorno com deficiência, e que abrange, entre outros temas, a violência de gênero, divisão sexual do trabalho e papéis de gênero nas relações familiares e de cuidado. Esses assuntos se inserem no núcleo de sentido denominado "mulheres, deficiência e a questão do cuidado".

Os dados ajudam a perceber como, no contexto estudado, o cuidado permanece como uma tarefa e obrigação relacionada ao feminino, em suas diferentes formas de exercício - financeiro, físico e emocional - mas que outras relações de cuidado também se desenvolvem envolvendo outros atores - outras pessoas da família, da vizinhança e instituições de apoio, não se restringindo às mulheres apenas, proporcionando uma oportunidade para redefinição de papéis de gênero e admissão de outras pessoas cuidadoras - a devoção no exercício do cuidado e da maternidade, a sobrecarga e o esgotamento em decorrência desse cuidado devotado e centrado na figura feminina. Em

---

<sup>2</sup> Os nomes foram anonimizados e os dados retirados da entrevista realizada no dia 13 de março de 2022.

<sup>3</sup> Os grupos GAM se baseavam em uma metodologia pensada pelo Catholic Relief Services (CRS) para atender e capacitar mulheres em situação de vulnerabilidade e violência.

<sup>4</sup> Ao todo foram 20 encontros que contaram a observação participante das pesquisadoras e elaboração de relatórios sobre as atividades desenvolvidas nos grupos.

outras palavras, apresentam uma complexidade de como as relações vão se estabelecendo a partir das diferentes camadas e intersecções que envolvem o gênero, a deficiência, a migração, a pobreza, entre outras.

A entrevista que será analisada fornece elementos para compreender o regresso ao país de origem em uma nova condição física, social e emocional, a partir da deficiência, nos possibilitando considerar a perspectiva daqueles que ficam nos países de origem e explorar como a migração pode desencadear novas relações sociais, de uma forma geral, e especificamente, no âmbito familiar e de cuidado. Além disso, a narrativa também pode ser considerada como particular dentro do nosso conjunto de dados e, assim se distingue das demais, porque retrata o caso de um filho que sofreu o “acidente” vivendo nos Estados Unidos após, em tese, ter superado todos os perigos e riscos da rota migratória e ter conseguido alcançar o “sonho americano” e vivê-lo por cerca de dois anos. No entanto, o relato sobre o acidente e tudo que se desencadeia a partir desse "marco" é feito a partir da narrativa da mãe, já que a deficiência do filho não o permite comunicar verbalmente. Nesse sentido, é um caso sensível que aborda questões delicadas de muito sofrimento e vulnerabilidade.

Compreendemos que esta análise seja uma contribuição importante por apresentar uma história de vida marcada por sofrimentos, não ditos e contradições que apresenta explicitamente os custos sociais que a emigração pode trazer para as famílias envolvidas em contextos com população em extrema situação de vulnerabilidade, mas que não se define apenas por isso. Ao colocar luz sobre as relações de cuidado, o exercício da maternidade e as relações familiares apresenta nuances de como a migração não apenas desestrutura essas relações, mas se apresenta também como oportunidades para que elas se reestruturem a partir do contexto migratório e da deficiência.

Em suma, o caso aqui analisado expõe diversas camadas que se interseccionam à migração no contexto hondurenho, contribuindo para pensar uma questão muito complexa e ainda pouco explorada no âmbito das migrações e da maternidade, em geral, e no contexto centroamericano em particular.

### **3. "La madre protectora"**

María, uma mulher hondurenha de 52 anos, cuja mãe foi para os Estados Unidos quando ela ainda era criança, deixando nas memórias da filha a expectativa de que um dia elas iriam se reencontrar. Na juventude se casou e foi mãe de três filhos, atualmente uma de 36 e outro de 22 anos, sendo Miguel o seu filho do meio.

Todos os seus filhos tentaram em algum momento emigrar para os Estados Unidos em busca do sonho americano. Miguel e a irmã tentaram ir juntos, mas foram abordados pela polícia quando passavam pela Guatemala. Para conseguir seguir viagem, Miguel disse que era nacional guatemalteco e os policiais o liberaram, mas a irmã não teve a mesma sorte, foi retornada antes mesmo de conseguir chegar a fronteira norte do México.

A história de Miguel se assemelha muito com a história de outros migrantes centroamericanos, inicialmente, obteve "sucesso" dentro do que é reconhecido como "sonho americano". Um jovem hondurenho de origem pobre e rural, com baixa escolaridade, que emigra de forma indocumentada para os Estados Unidos pelas vias e rotas mais precárias e perigosas que usualmente são utilizadas por aqueles que realizam o caminho por terra, atravessando pelo México.

Sua história nos foi contada por sua mãe, María, que descreveu a realidade em que viviam antes da emigração do filho como muito "dura". Não tinham casa, estavam pagando dívidas. Foi então, sem trabalho e perspectiva, vendo a dificuldade de seus familiares, que Miguel viu na migração uma oportunidade, uma alternativa à pobreza e falta de emprego que assola seu país de origem.

Os fatores que provocam a expulsão das pessoas de seus locais de origem são complexos e articulam questões de desigualdade, pobreza, vulnerabilidade e múltiplas privações, visto que as pessoas não encontram em seus países possibilidades de desenvolvimento pessoal ou oportunidades de inclusão social. Por vezes, o próprio núcleo familiar enfrenta múltiplas necessidades que devem ser satisfeitas e os seus membros não dispõem de meios suficientes de subsistência. É nesse contexto, que grupos da população já inseridos em uma situação de vulnerabilidade social e econômica recorrem à migração como estratégia não só de inclusão e mobilidade social, mas também como alternativa para reduzir os riscos associados ao empobrecimento, ainda que isso implique vivenciar e se expor a riscos, tanto na rota migratória, quanto no país receptor (Terrones, 2020).

Para Tobar Estrada (2013, 173), a migração na região mesoamericana, composta por Honduras, Guatemala e El Salvador, pode ser considerada um fato social significativo para a dinâmica econômica e social dos países e deve ser compreendida à luz das estratégias de sobrevivência de segmentos da população em situação de vulnerabilidade, excluídos ou em risco de empobrecimento.

Esses migrantes são pessoas que buscam na migração melhores condições de vida, diante de um cenário interno marcado por insegurança e violência generalizada; ações do

crime organizado e proliferação de “maras” e “pandillas”<sup>5</sup>; políticas públicas excludentes que geram pobreza, marginalidade e limitadas opções para o desenvolvimento humano, particularmente para a população jovem; e escassas oportunidades de empregabilidade (COAMEX, 2019).

Nesse sentido, se torna relevante refletir sobre a noção desses eventos que ocasionam as lesões físicas como "acidentes", como argumenta Tobar Estrada (2013), na medida em que são decorrentes da precariedade dos espaços onde ocorre a migração, ou seja, de políticas e ações para controlar e gerenciar a migração que levam as pessoas a se moverem por meios e condições cada vez mais arriscadas.

Após atravessar por terra toda a rota entre Honduras, Guatemala e México até conseguir chegar aos Estados Unidos, Miguel conseguiu em pouco tempo começar a trabalhar e logo passou a enviar remessas a sua mãe. E assim o fez, por um ano e meio. Trabalhou e enviou dinheiro, contribuindo com a renda familiar para pagar a hipoteca da casa e outras dívidas, o que era considerado por María como uma melhora de vida.

Es un país donde usted puede trabajar y va a solventar muchas situaciones son como se trabaja como esclavo se podría decir ahí en ese país pero saben, porque si saben pagar entonces para mí que por eso es que la gente agarra la ruta migratoria para dar una mejor vida para quererse comprar una propiedad porque no crea mi esposo y yo pasamos pensando en eso que una vez podamos solventar nos e irnos para ese país a trabajar.

Segundo a narrativa de María, as coisas mudam de rumo quando Miguel decidiu mudar de estado e ir para a Flórida em busca de novas oportunidades. Ali ele foi preso em uma batida policial, junto a um grupo de migrantes mexicanos com quem vivia, e que, segundo ela, já possuíam alguns delitos “bem grandes”. Com Miguel preso, sua mãe precisou enviar inúmeros documentos desde Honduras - certidão de nascimento, histórico escolar, histórico de saúde, entre outros - para ajudá-lo a ser reconhecido como hondurenho, o que, segundo ela, o ajudaria a ser desvincilhado dos delitos cometidos por seus companheiros. Com isso, segundo lhe disse a advogada, eles tinham esperança de que ele seria inocentado dos crimes aos quais estava sendo acusado e em seguida seria deportado para Honduras.

Foram três anos e meio que Miguel esteve na prisão. Mas, em 2012, alguns meses antes da primeira audiência, María recebeu uma ligação em que as autoridades a

---

<sup>5</sup> Termos utilizados para descrever gangues ou grupos criminosos que operam em várias regiões, especialmente em países da América Central, como El Salvador, Honduras e Guatemala, e no México.

informavam que seu filho havia realizado uma tentativa de suicídio por enforcamento. Do hospital, o estado de Miguel foi descrito como grave e que ele estaria em estado de morte cerebral. O motivo daquele contato era para pedir a autorização da família para desligar os aparelhos.

La policía dice que Óscar decidió quitarse la vida no sé por qué si él estaba ya consciente de que él venía para acá entonces fue algo que yo nunca llegué a creer. Cuando menos me llamaron me dijeron que se había ahorcado claro las autoridades americanas nunca pensaron que ello iba a ir a Estados Unidos porque cuando ellos me preguntaron que si daba la autorización de que lo desconectarán porque él había tenido muerte cerebral yo les dije que no.

María descreveu que as autoridades norte-americanas com as quais falou ao telefone não acreditaram que ela seria capaz de se deslocar para ver o filho. Ela acreditava que eles haviam investigado sua vida em Honduras, porque afirmavam que ela não teria condições financeiras e nem meios para ir em busca de Miguel. A pressionaram a tomar a decisão por telefone diversas vezes, ressaltando a morte cerebral de Miguel e a difícil reversão do quadro. Para o Estado, Miguel já havia morrido, mas a sua mãe era a única que tinha o poder de desconectar os aparelhos, decidir pela morte ou pela vida do filho.

A partir da decisão de não autorizar o desligamento dos aparelhos, María iniciou uma luta de cerca de 11 meses até conseguir levar o filho para Honduras. Ela descreve o primeiro encontro como “algo muito difícil”, que jamais teria imaginado que um dia precisaria ir aos Estados Unidos para encontrar Miguel naquelas condições.

María desconfiava que algo havia passado, o filho que ela conhecia não teria atentado contra a própria vida, estava esperançoso porque seu caso seria julgado em breve, acreditava que seria deportado e poderia reencontrar com sua família. Ao receber a notícia María sentiu que “o mundo desabava” sobre ela, sentiu que “estava morrendo” junto com o filho, não conseguia acreditar

Yo sentí que el mundo se me venía encima yo sentí morirme en ese momento Yo no podía creer que mi hijo había tomado una decisión de esas porque yo había estado habíamos hablado hasta teléfono y él me dijo mamá yo tengo la fe en Dios de que yo me voy a ir de aquí en agosto entonces si yo había hablado con él yo sentí en mi corazón de que él nos había hecho ese daño porque yo lo sentí bien optimista esa es la palabra.

Mas, mesmo diante da situação, não conseguiu desistir do filho e desconectar os aparelhos “yo dije que no porque quería ver una evolución más porque uno de madre, no quiere aceptar que los hijos se les mueran esa es la realidad”.

Lobo (2020) refletiu sobre os projetos migratórios à luz dos não ditos, dos segredos, mentiras, dos fracassos e as suas consequências nas interações entre as famílias. Para a autora, é comum nos contextos de pesquisa sobre migração surgirem questionamentos acerca das mentiras que alimentam a construção das narrativas sobre os migrantes e também dos que ficaram, que inventam ou aumentam sobre a situação dos parentes que estão fora. Sendo importante considerar todos esses elementos como parte da dinâmica social, que surgem como uma ação de dissimular as realidades possibilitando a manutenção do vínculo, nesse caso entre as famílias. Para nós não é relevante confirmar uma das versões sobre o caso de Miguel, o que nos interessa é compreender os impactos da migração, do acidente, em suas relações familiares, considerando também os ditos e não ditos sobre a situação.

Para María, toda a sequência de eventos que culminaram com o quadro de Miguel poderia ser lida como uma ausência de cuidado por parte das instituições estadunidenses:

Aunque ahí dijeron que la cárcel que si ya había tratado de quitarse la vida varias veces porque se había herido las venas había un reporte pues como les dije ya un reporte por qué no le pusieron cuidado más ahí en ese hospital más en esa cárcel que era una cárcel federal entonces no no le pusieron cuidado.

Dessa forma, podemos inferir, a partir dos eventos que ocorreram com Miguel, que María se vê em uma situação de muito sofrimento e compreende o que aconteceu com o filho como uma falta de cuidado. Tal situação, por outro lado, exige dela concretamente a possibilidade de mobilidade e a necessidade de angariar recursos financeiros para “ir e vir” dos Estados Unidos a Honduras, um contexto de restrição de mobilidade para pessoas hondurenhas, para lutar pelos direitos à vida de seu filho e cuidá-lo; exige também uma capacidade de ação e de enfrentamento das autoridades estadunidenses em várias instâncias para poder conseguir levá-lo de volta a Honduras e cuidar dele na terra natal. Ela, como mãe, passa a ser a voz de Miguel e a pessoa que toma as decisões por ele, como veremos na seção seguinte.

#### **4. “Yo he venido a este país por mi hijo”**

A desconfiança, o sentimento de negação ao ocorrido e a necessidade de ver com os próprios olhos como o quadro de saúde do filho se desenvolvia fizeram com que María e a família fossem para os Estados Unidos. Para conseguir fazer isso, tanto em Honduras quanto nos EUA, María mobilizou uma rede de apoio com seus familiares, seus ex-padrões e amigos de seu filho Miguel. Todos ajudaram a conseguir as documentações necessárias e o dinheiro para a solicitação de um visto humanitário, que foi liberado por



poucos meses, e para comprar as passagens “yo he venido a este país por mi hijo no para quedar por mi hijo para saber qué fue lo que pasó con mi hijo y en qué condición hallaba yo a mi hijo”.

O processo de Miguel ainda corria, sem audiência ou decisão por parte do juiz. E María foi impedida de ver o filho no hospital por diversas vezes. O processo de deportação seguiu parado e para conseguir ficar acompanhando o filho María precisou ir e voltar do país algumas vezes “y así pasé un proceso de 11 meses iba a Estados Unidos y regresaba para acá volví a hipotecar mi casa, volví a hipotecar la propiedad ya la propiedad casamente no es mía”.

As idas e vindas, e a descontinuidade do “cuidado” que María percebia para com o filho devido à ausência dela fizeram com que ela se culpasse pelas pioras no quadro de Miguel. Para ela, nos momentos em que estava ausente, Miguel não era cuidado e estava sendo vítima de negligência e descaso, isso porque no tempo em que esteve afastada o filho sofreu encurtamento das mãos e das pernas e se encontrava “pior” do que quando ela havia o encontrado pela primeira vez.

A decepção com o “retrocesso” do estado de saúde de Miguel, o desgaste e os altos custos para ficar emitindo os vistos, de viagem e a dificuldade de se manter no Estados Unidos cuidando de Miguel fizeram com que ela tomasse a decisão de regressar a Honduras, mas dessa vez levando seu filho de volta para casa

Fue cuando yo ya no aguanté que ya no tenía cómo pagar pasajes de avión ni estar sacando visa humanitaria, porque cada vez que sacaba una visa humanitaria era cada 3 meses y había que pagar el permiso para pagar la visa y todavía para estar pagando pasajes de avión entonces llegó un tiempo en el que yo colapsé.

O colapso fez com que María percebesse que era o momento de voltar para Honduras com o filho, pressionou as autoridades do hospital para que o filho fosse liberado. Entretanto, ainda teve que lidar com a notícia de que deveria pagar o tratamento de saúde de Miguel, antes que ele fosse enviado de volta. Ela devia os procedimentos realizados e os 11 meses de internação, com o valor da diária de USD\$ 5.000.

Indignada com a situação e o tratamento recebido, María decidiu chamar a mídia e denunciar a prática do hospital:

Entonces, me dijeron que no que no me lo podía traer a él lo iba a volver a recoger la cárcel. Me indigné tanto, que llame a Primer Impacto, entonces allí si, los tire por un por Primer Impacto... Tengo vídeos y tengo muestras de que yo los tiré por Primer Impacto entonces el hospital se sintió molesto porque yo había hecho eso entonces me dijeron que porque... que... con qué autorización yo había hecho eso.

Con la autorización de que ese, Esa persona que está en esa cama es mi hijo y quién manda en él soy yo mientras mi hijo no puedo hablar mientras no pueda tomar sus propias decisiones aquí la que manda soy yo les dije.

Ao denunciar a situação de Miguel aos meios de comunicação, María recebeu o apoio que precisava para levar o filho de volta. Apesar de toda resistência e ameaça das autoridades e do hospital, Miguel foi transportado de avião ambulância e hoje vive em Honduras com sua mãe e seu pai. A expectativa dos médicos era a de que Miguel não sobreviveria mais de dois meses fora do hospital, mas sua mãe preferiu correr o risco e assim leva mais de 10 anos cuidando de seu filho em casa “me habían dicho que mi hijo sólo iba a vivir 2 meses más dije yo que muera en Honduras y yo lo entierro en Honduras”.

### **5. Reflexões sobre o exercício do cuidado e da maternidade neste contexto migratório e seu impacto nas relações familiares**

O nosso encontro com a história de María e Miguel se deu, em um primeiro momento, a partir da análise dos dados de atendimento da Pastoral de Movilidad Humana de Honduras (Botega, 2023) no âmbito da primeira fase da pesquisa desenvolvida pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Nos registros havia uma observação de que devido ao comprometimento neurológico da pessoa com deficiência retornada a Honduras não era possível realizar nenhuma intervenção de saúde, mas que se faria o acompanhamento da família para atendimento à mãe, que era sua principal cuidadora, que apresentava sintomas importantes de malestar emocional.

A partir da história que foi narrada até agora entendemos que, após todos os esforços realizados por quase um ano, que envolveu idas e vindas para os Estados Unidos, saindo do interior de Honduras, processos de reivindicação de direitos junto ao hospital e as autoridades estadunidenses, o processo de deportação até o retorno a Honduras. María se sentia esgotada.

Fietz e Mello (2018), em artigo sobre a multiplicidade das formas de se compreender o cuidado entre o campo de estudos da deficiência, pontuaram que uma das formas seria a compreensão do cuidado como superproteção. Em que o cuidado seria colocado em forma de categoria infantilizadora, em que a pessoa com deficiência é tida como uma pessoa cuja autonomia e independência são limitadas. De tal forma que as práticas de cuidado seriam permeadas de uma concepção de inferioridade de quem as recebe, podendo levar a uma desigualdade nas relações, desencadeando opressão e supressão das possibilidades de agência da pessoa que é cuidada.

Pela condição de Miguel, não podemos afirmar que haja um excesso de cuidados por parte de sua mãe, pois ele é uma pessoa com sequelas graves, que não viabilizam o desenvolvimento de uma autonomia. Mas, é importante perceber que a relação de cuidado entre os dois é isonômica, seja pela falta de rede de apoio e até mesmo de poucos recursos acessados pela família devido sua condição de vulnerabilidade econômica. Uma das consequências para essa forma de relação seria a sobrecarga, também sentida por María, que desenvolveu ao longo dos anos algumas complicações devido ao seu envelhecimento, cansaço físico e emocional. Os anos dedicados ao cuidado fizeram com que ela desenvolvesse diabetes, hipertensão e um desgaste na coluna, por estar manipulando o corpo do filho todos os dias

Ha cambiado mucho mi estado emocional ahora soy diabética hipertensa hay momentos en los que me siento mal de salud bien mal a veces hay momentos que digo yo será psicológico hay días que estoy triste hay días que lloro hay días que ya no me siento igual siento como una amargura antes era más optimista más contenta antes me arreglaba hasta mi personalidad ahora siento que no siento que la vida sigue nada porque tiene que seguir claro ahora tengo otros gastos por qué hay que comprarle leches especiales porque no puede comer comida.

A veces siento que no puedo más pero le pido fuerzas a Dios para salir adelante más que todo por mi hijo que está en cama... yo le pido a Dios que me dé vida mientras mi hijo esté vivo.

Alves e Safatle (2019) escreveram sobre a saúde mental das mães de crianças nascidas com microcefalia no contexto da epidemia de Zika no Brasil. Este trabalho utilizou o cansaço expressado por essas mães para pensar nas consequências da sobrecarga de trabalho físico e emocional dessas mulheres. O exercício deste tipo de maternidade também implicava em uma relação intensiva de cuidados com os filhos, assim como no contexto vivenciado por María. Dessa forma, o cansaço para Alves e Safatle (2019) é uma categoria interessante para pensar diferentes tipos de maternidade e a sua relação com o que chamaram de “organização social do cuidado”. Nesse sentido, as “faces do cansaço” reconhecidas nas narrativas sobre cuidado e maternidade são apontadas para “situar as relações de poder atreladas aos marcadores sociais” dessas mulheres e são associadas as ausências, na falta de rede de apoio, na falta de oportunidades de emprego, falta de dinheiro, falta de tempo, disposição, acessibilidade, políticas públicas (Alves e Safatle, 2019, 14).

Ha sido un impacto bien grande le voy a decir a mí no me da pesar ya llevo 10 años cuidando a Óscar en abril cumpla 10 años pero no me da pesar estar con él me da pesar ver a mi hijo en una cama que no puede hablar que no puedo menear sus manos

ni sus pies no sé qué fue lo que pasó y a medida de que eso el sufrimiento de uno va dentro de uno porque ninguna madre le gusta ver sus hijos sufrir yo sé que mi hijo sufre en esa cama sufre calores sufre si le pica algo si le duele algo no sé no sé nada verdad y a veces le soluciono adivinando.

De acordo com Gil et al (2015) nas narrativas das mulheres sobre a migração, a sua responsabilidade como mães, irmãs e filhas, ocupa um lugar central, tanto para elas quanto para a sua família. As narrativas sobre esse tipo de responsabilidade perpassam aquelas atividades denominadas pela literatura como atividades de cuidado, que podem ser compreendidas, dentro desse contexto, como as atividades que são realizadas cultural e historicamente por mulheres, e que possibilitam a reprodução da vida (Guimarães e Hirata, 2020; González, 2016; Guizardi, 2020; Marques, 2022).

Lagarde (2003) aponta que o cuidado pode ser dividido socialmente de acordo com gênero, raça, classe social, etnia e concepções nacionais e locais. Isso significa que dentro de cada contexto esses marcadores sociais da “dominação”<sup>6</sup> serão acionados de forma a caracterizar as principais pessoas responsáveis pelo cuidado, no caso, as mulheres. Para a autora, as mulheres são as principais responsáveis por desempenhar esta atividade, sendo elas que cuidam “dos outros”, os homens, a família, filhos/as, parentes, comunidades, educação, saúde, pessoas enfermas e com deficiência. Dessa forma, para a autora as mulheres “cuidam do desenvolvimento, do progresso, bem-estar, vida e morte” (Lagarde, 2003, p. 157) desses “outros”.

Em contextos migratórios, muitas mulheres são as responsáveis por desempenhar as tarefas de cuidado, sejam as mulheres que migram e passam a desempenhar tarefas relacionadas ao cuidado e ao trabalho doméstico em outros países e enviam remessas para a família no local de origem ocupando a posição de provedoras; sejam as mulheres que ficaram no país de origem - avós, tias, irmãs, filhas mais velhas - que se responsabilizam por administrar as remessas enviadas e os cuidados com as crianças e os idosos.

Glenn (2010) divide o cuidado entre “cuidado direto” das pessoas (banho, alimento, vestir, limpar) e “cuidado emocional” (conversar, consolar, dialogar, atender) essas definições, segundo González (2016), também abrangem os “serviços” realizados para cuidar (comprar alimentos, roupas, pagar contas, comprar remédios) e a manutenção dos espaços onde se vive (limpezas, reformas). Todas essas atividades são essenciais para reprodução e manutenção da vida social e são, majoritariamente, realizadas por mulheres.

---

<sup>6</sup> Ver Venâncio (2024).

Nesse sentido, compreendemos o cuidado e a suas relações com o contexto migratório de maneira ampla, incluindo também as atividades e serviços, como os realizados por María. Dessa forma, as tarefas de cuidado desempenhadas por María foram o motor para que seu filho voltasse para seu país de origem e para que ela pudesse então desempenhar o cuidado de diferentes formas - financeiro, pois é ela quem trabalha fora e administra remessas, cuidado físico, cuidado de outros familiares, entre outros. Entendemos a realização dessas tarefas como essencial na manutenção da vida, neste caso a vida de Miguel.

No entanto, se faz importante pontuar que nesse contexto de compreensão do cuidado como uma atividade majoritariamente desempenhada por mulheres, é necessário romper com a ideia romântica do instinto materno, da boa mãe, de que as mulheres desempenham essas atividades de forma passiva. A compreensão dessas atividades deve partir de uma perspectiva que, de acordo com Di Leonardo (1987), considere as relações de poder intrínsecas a esse trabalho, entendendo o altruísmo e os interesses pessoais como socialmente construídos e que podem co-existir no desenvolvimento dessas relações.

É com esta perspectiva sobre o cuidado e a sua relação com o contexto migratório que, nesta seção, gostaríamos de trabalhar as formas que a vida de María e de Miguel foram impactadas por seu acidente e os rearranjos que precisaram ser feitos para a manutenção da vida.

- a) Primeiramente, destaca-se a reestruturação dos papéis de gênero entre ela e o marido para a provisão financeira e os cuidados com Miguel. O marido passou a assumir os cuidados do filho, até mesmo por uma necessidade física, e ela passou a juntamente com o neto mais velho trabalhar fora para conseguir sustentar a família.

sabe que mi esposo no puede él puede salir a trabajar porque yo no me puedo quedar con Óscar. Estoy como un desgaste en la columna y esa medida de esto de estarlo levantando de estarlo cuidando que todo eso viene, el deterioro de la salud me ha caído bastante.

- b) Em segundo lugar, o uso das remessas enviadas pelo filho mais novo para compor a renda familiar a partir das remessas e garantir a Miguel acesso a produtos específicos importados que lhe permitam uma alimentação mais adequada às suas necessidades. As remessas desempenham um papel importante nas famílias transnacionais, sendo uma parte central das estratégias de sobrevivência e cuidado, cobrindo as necessidades básicas e possibilitando alguma melhora nas possibilidades de bem-estar, segurança e status social (Skornia, Illanes, 2016).

Neste aspecto nos interessa ressaltar que o irmão de Miguel, o único da família que conseguiu se estabelecer de fato nos EUA através de um visto humanitário obtido durante o processo de acompanhamento de Miguel que depois se converteu em um visto de estudante, passa a assumir o seu lugar como pessoa que envia remessas para complementar a renda domiciliar.

As autoras Skornia e Illanes (2016) em artigo sobre as famílias transnacionais no Peru pontuam a necessidade de estudar as condições de origem e destino dos migrantes, aprofundando os conceitos de desigualdade e de direitos. Por sua condição migratória, residentes em outro país, os migrantes possuem um status social mais alto dentro de seu núcleo familiar e se convertem nos principais provedores econômicos. Dessa forma, ainda segundo as autoras, as práticas e condições de vida dos familiares nos países de origem dependem do trabalho dos familiares migrantes e das condições de desigualdade e trabalho que enfrentam nos países receptores “que se reproduzem dentro de suas famílias e potenciam situações de insegurança e desproteção já existentes” (Skornia, Illanes, 2016, 38, tradução nossa). Nesse sentido, é importante compreender que a migração traz consigo novas formas de “desigualdades entrelaçadas”, assimetrias baseadas em diversos eixos de poder e escalas geográficas interdependentes. Tais desigualdades surgem pelas diversas condições de vulnerabilidade em que se encontram aqueles que migraram e os que ficaram no país de origem e impactam nas formas que as famílias se relacionam.

Essas desigualdades fazem com que os migrantes e seus familiares realizem uma constante gestão de suas condições precárias (Lobo, 2020). Nesse sentido, apesar dos impactos e das mudanças provocadas pela migração e pelo acidente de Miguel, nossa proposta é refletir sobre como sua família “gestiona” os recursos financeiros, o cuidado, os afetos e a espiritualidade (Marinucci, Botega e Marques, no prelo), de forma a reestruturar suas relações familiares, inclusive com outras pessoas ocupando o papel de Miguel no envio de remessas dos Estados Unidos.

- c) Por fim, destacamos que os cuidados desempenhados por María não envolvem somente o apoio físico e emocional, mas também implicou uma série de outras atividades, serviços e novas habilidades que ela precisou desenvolver para cuidar do filho com deficiência em sua casa em Honduras. É o que chamamos de capitais

não monetários (Marinucci, Botega e Marques, no prelo) acumulados durante a migração e que se tornam recursos importantes (Cassarino, 2013) quando do retorno.

Miguel regressou a Honduras sem nenhum tipo de apoio do governo de seu país para seu retorno ou sua adaptação em casa. O estado de saúde dele implicou em uma série de gastos com medicamentos, equipamentos, produtos de higiene, leite e suplementação alimentar, porque sua alimentação é realizada por sonda. Depois de dois meses de que haviam retornado, María buscou apoio das Organizações da Sociedade Civil, como a PMH e também os Médicos del Mundo. A partir deste momento iniciou uma série de tratamentos com Miguel, realizaram acompanhamento com neurologista, procedimentos de oxigenação do cérebro que melhoraram sua qualidade de vida

Miguel ha respondido muy bien puede hablar pero él entiende todo. No puede menear sus manos pero nosotros ya sabemos cuando él está hecho pipi y cuando él quiere comer cuando se siente enfermo nosotros ya tenemos una intuición, tenemos máquinas también para tomarle la presión, para tomarle el azúcar para tomarle la temperatura porque todas esas cosas yo me preparé cuando estaba en Estados Unidos.

O preparo que María menciona diz respeito não somente aos equipamentos, mas a todo um novo conhecimento que ela precisou adquirir enquanto ainda estavam no hospital, tanto para utilizar os equipamentos, quanto para manejar e cuidar do corpo de Miguel. As enfermeiras e assistente social do hospital a ajudaram muito no início, explicaram os procedimentos, ensinaram a não deixar Miguel em uma mesma posição, a trocar as fraldas e a também utilizar os protetores para que o contato com a pele não formasse feridas. Ao mesmo tempo que seu o conhecimento preexistente também não era descartado nos cuidados com o filho, María ensinou as enfermeiras que era importante que os pacientes tomassem banho e fossem lavados com água

Nadie nace aprendido, y lo único que si yo les enseñé que se bañaban... ((Ríe)) porque allá no me lo bañaban ellas me decían no no lo bañes con agua no aquí hay wipes me decían. No, yo hago el jabón y me encantaba echarle el chorro de agua y Miguel estaba conectado a máquinas Miguel no respondía nada pero absolutamente nada él estaba muerto pero en vida y yo le echaba el chorro de agua de aquí desde la frente y le decía yo sé que él va a sentir este chorro de agua yo sé que Dios me lo va a despertar yo sé que él va a abrir sus ojos y un día menos esperado los abrió.

Aos poucos, Miguel foi reagindo aos estímulos e cuidados realizados por sua mãe, que seguiu trabalhando para que o filho tivesse qualidade de vida. María ocupou o lugar de sua principal cuidadora, ela era quem desempenhava as atividades de trabalho

doméstico em sua casa e também quem saía para vender no mercado informal para conseguir renda para sua família.

É interessante como María articula e mobiliza recursos, que são acumulados nas diversas idas e vindas até conseguir a deportação de Miguel, para o exercício do cuidado, isto é, ela vai mobilizando informações sobre cuidados médicos com a saúde do filho, o que ele deve comer, como limpá-lo, uso de equipamentos, entre outros aspectos, e, assim, reaprender a cuidar do filho, agora numa nova condição física devido à deficiência. Em suma, ela vai desenhando estratégias de sobrevivência ao longo desse período que permitem o cuidado não apenas para seu filho Miguel, mas para toda a família.

## **6. Considerações finais**

As mulheres têm uma relevante participação na migração (Mata Navarro, 2021), conforme apresentamos ao longo deste manuscrito, sejam como migrantes provedoras do sustento de suas famílias, sejam como aquelas que ficaram nos países de origem desempenhando as tarefas de cuidado e ocupando um papel importante na constituição das famílias transnacionais, que diz respeito à forma com que muitos migrantes organizam suas vidas em espaços sociais que transcendem as fronteiras dos Estados (Glick-Schiller, Basch e Szanton, 1992).

Nesse contexto transnacional as relações tecidas entre parentes, amigos e conterrâneos e como estas agem no sentido de facilitar a migração e a lidar com os custos sociais relacionados à mobilidade, nos permite pensar a migração como um projeto econômico, familiar e afetivo, conforme argumenta Assis (2011), e nos ajuda a compreender os impactos da migração nesse contexto a partir da família como unidade de análise.

Bonilla-Landaverri (2020) analisa o custo social da migração para os guatemaltecos que buscam o “sonho americano” e argumenta que a distância que gera a separação das famílias ocasiona problemas a ponto de causar sua desintegração. A autora também apresenta que o recebimento de remessas e a melhora econômica compensariam de certa forma a percepção e a vivência desse sofrimento. Entretanto, compreendemos à luz de Assis (2011) que as relações em rede permitem que as relações familiares se reconfigurem, ao invés de se dissiparem.



No caso aqui analisado em que María assume um papel importante no âmbito familiar no sentido de organização dos papéis de cada um, do exercício do cuidado e de tantas outras funções, percebemos que ela atua como um sujeito ativo no processo das articulações no âmbito da família que se dão em decorrência da migração e do acidente de Miguel. Ainda que as funções principais estejam concentradas nela e causem uma sobrecarga.

Na experiência vivida por esta família, não entendemos que houve desintegração, mas uma nova articulação entre seus membros, de forma que eles se articulam para dar continuidade ao projeto migratório, que não era individual, mas sempre familiar, e, com isso, envolvem outros membros de sua rede de parentesco e vizinhança, outras instituições, não apenas para a realização do empreendimento que é a migração, mas para sua sustentação. Portanto, o projeto de emigrar não é apenas desestruturador das relações familiares, mas também uma realidade que possibilita novos arranjos familiares e de gênero.

#### **Referências Bibliográficas:**

ALQUISIRAS TERRONES, Luisa. **Mutilaciones en el orden neoliberal: migrantes centromericanos en tránsito por México**. 2020. Tesis Doctoral. Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades Alfonso Vélaz Pliego, Puebla.

ALVES, Raquel; SAFATLE, Yazmin. "MÃES de Micro": Perspectivas e desdobramentos sobre cuidado no contexto da síndrome congênita do zika vírus (SCZV) em Recife/PE. *Áltera*, v. 1, n. 8, p. 115-145, 2019.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

BAKEWELL, Oliver. Some reflections on structure and agency in migration theory. *Journal of Ethnic and Migrations Studies*, v. 36, n. 10, p. 1689-1708, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONILLA-LANDAVERRY, Gesly A. La migración guatemalteca hacia los Estados Unidos y su costo social. *Ciencias Sociales y Humanidades*, v. 7, n. 1, 2020.

BOTEGA, Tuíla. **Pastoral de Movilidad Humana y Migrantes Retornados con Discapacidad: Construyendo caminos para la reintegración**. Tegucigalpa: FLACSO; Brasília: CSEM, 2022. Disponível em: [https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Ebook\\_PMH-y-Retornados-con-Discapacidad\\_Honduras\\_2022\\_Final-1.pdf](https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Ebook_PMH-y-Retornados-con-Discapacidad_Honduras_2022_Final-1.pdf).

BOTEGA, Tuíla; DUTRA, Delia; CUNHA, Igor Borges. (Org.). **Movilidad en la frontera. Tijuana como espacio de (re)construcción de la vida**. Brasília: CSEM, 2020.

Disponível em: <https://www.csem.org.br/livros/lanzamiento-del-libro-movilidad-en-la-frontera-tijuana-como-espacio-de-reconstruccion-de-la-vida/>.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, n. 41, p. 21-54, 2013.

CSEM. **O protagonismo de migrantes e refugiados(as): Núcleo Duro dos Estudos e Pesquisas do CSEM**. Brasília: CSEM, 2018. Disponível em: <https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2023/07/it-nucleo-Duro-de-Estudos-e-Pesquisas-do-CSEM.pdf>. Acesso em: 10.07.2024.

COAMEX. **Informe especial sobre migración y discapacidad – una mirada desde la interseccionalidad**. 2019.

DI LEONARDO, Micaela. The Female World of Cards and Holidays: women, Families, and the Work of Kinship. **Signs**, v. 12, n. 3, p. 440-453, 1987.

FIETZ, Helena Moura; MELLO, Anahi Guedes de. A Multiplicidade do Cuidado na Experiência da Deficiência. **Anthropológicas**, Ano 22, v. 29, n. 2, p. 114-141, 2018.

GLENN, Evelyn. **Forced to care: Coercion and caregiving in America**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. Towards a transnationalization of migration: Race, class, ethnicity and nationalism reconsidered. **The Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 645, p. 1-24, 1992.

GONZÁLVEZ, Herminia. Los cuidados en la migración transnacional. Una categoría de análisis social y política. **Sur. Revista Internacional de Derechos Humanos**, n. 24, p. 43-52, 2016.

GREGORIO GIL, Carmen; GONZÁLVEZ TORRALBO, Herminia. Las articulaciones entre género y parentesco en el contexto migratorio: más allá de la maternidad transnacional. **Ankulegi. Revista de Antropología Social**, n. 16, p. 43-57, 2015.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena. **O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades**. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

GUIZARDI, Menara. El cuidadómetro fronterizo: Sobrecarga femenina y estrategias de movilidad en la Triple Frontera del Paraná. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 17, 2020.

LAGARDE, Marcela. **Cuidar cuesta: costes y beneficios del cuidado**. Congresso Internacional Sare. Vitoria-Gasteiz: EMKUNDE/Instituto Vasco de la Mujer, 2003. Cofinanciado pela Comunidade Europeia, Fundo Social Europeu.

LOBO, Andrea. Quando os (des)afetos “fazem famílias”. Não-ditos, mentiras e fracassos nas trajetórias de migração em Cabo Verde. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 28, n. 60, p. 205-222, 2020.

MARINUCCI, Roberto; BOTEAGA, Tuíla; MARQUES, Barbara. “Dios actuó en lo sobrenatural”: La religiosità come risorsa interpretativa di donne migranti honduregne ritornate con disabilità. **Mundo Migranti**, no prelo.

MARQUES, Barbara Marciano. Las mujeres y la reproducción de la vida: tejiendo relaciones entre cuidados, género y Migración. In: DONDÉ, Nyzelle Juliana (Org.). **Fuerza de la vida: Mujeres migrantes retornados con discapacidad física y cuidadoras de migrantes**. Brasília: CSEM, 2022, p. 27-42. Disponível em: <https://www.csem.org.br/csem-livros/>.

MATA NAVARRO, Itzelín. del R. Familias vulnerables: : la maternidad trasnacional e intensiva de las mujeres migrantes centroamericanas en tránsito por México. **Géneros**, v. 27, n. 27, p. 181–214, 2021. Disponível em: <https://revistasacademicas.ucol.mx/index.php/generos/article/view/92>. Acesso em: 10.07.2024.

OIM. **Encuesta socioeconómica de personas migrantes en tránsito por Danlí y Trojes, El Paraíso, Honduras (Noviembre 2022 - Enero 2023)**. 2023. Disponível em: <https://infounitnca.iom.int/descargas/DTM-Honduras/>.

PARELLA, Sonia; PETROF, Alisa; SPERONI, Thales; PIQUERAS, Clara. Sufrimiento social y migraciones de retorno: una propuesta conceptual. **Apuntes**, n. 84, primer semestre 2019.

PEDONE, Claudia. “Maternidades Transnacionais”. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEAGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Org.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017, p. 139-146.

SKORNIA, Anna Katharina; CIENFUEGOS ILLANES, Javiera. Cuidados transnacionales y desigualdades entrelazadas en la experiencia migratoria peruana: una mirada desde los hogares de origen. **Desacatos**, Ciudad de México, v. 52, p. 32-49, 2016.

TOBAR ESTRADA, Anneliza. Discapacidad migración hacia México y Estados Unidos: un análisis desde la exclusión social. In: RODRÍGUEZ, Enrique B.; MARRONI, María. G.; VILLAUERTE SOLÍS, Daniel (Coord.). **Viejas y nuevas migraciones forzadas en el Sur de México, Centroamérica y el Caribe**. México: D.R. Editores e Impresores Profesionales EDIMPRO, S.A. de C.V, 2013. p. 173-214.

VENANCIO, Vinicius. **Nu bem djobi vida li: mobilidades, pertencimentos e tensões da antinegitude na vida de mulheres da África continental residentes na capital cabo-verdiana**. 2024. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.